
APRESENTAÇÃO

Os anos de 1970 apontam, no mercado editorial brasileiro, vivo interesse pelas memórias literárias. Entre as que inauguram a década (*Viagem no tempo e no espaço*, de Cassiano Ricardo, *O nariz do morto*, de Antonio Carlos Vilaça) e os depoimentos pessoais, sociais e históricos de Paulo Francis que a concluem (com o sugestivo título *O afeto que se encerra*), inscrevem-se, somente no ano de 1972, nada menos do que seis obras do gênero: *A longa viagem*, de Menotti del Picchia, o pequeno volume *Bopp passado a limpo* por ele mesmo, *Contagem regressiva*, de Cândido Mota Filho, *Memórias* de Agripino Grieco, *Testemunhos e ensinamentos*, de Milton Campos e *Baú de ossos*, de Pedro Nava. Trata-se, evidentemente, de uma geração que se despede, preocupada em legar à posteridade perspectivas críticas de importantes movimentos estéticos, testemunhos inestimáveis sobre a gênese de obras literárias, valiosos registros da vida pública brasileira, ou verdadeiros painéis sociais apreendidos através de bizarros labirintos genealógicos. Considerando ainda a época em que foram escritas ou lançadas essas obras, ou seja, em plena ditadura militar, a eleição do passado como objeto de reconstituição pode ser interpretada como forma de escapar aos grilhões do presente, ou como desejo de encontrar imagens de um mundo melhor; descobre-se também, nos subterrâneos de alguns textos privilegiados, a face retocada do que fomos ou imaginamos ter sido.

O sucesso literário da empreitada dependerá do emprego ou não do único meio de recuperação do tempo perdido, que é o meio proustiano de criação artística. Nesse sentido, a obra de Pedro Nava impõe-se sobre as demais, aliás, também no rastro hereditário da escrita impressionista de Raul Pompéia, se nos ativermos aos limites das letras nacionais: a educação sentimental, intelectual e física de Pedro Nava no colégio inglês de Belo Horizonte, e depois no D. Pedro II do Rio de Janeiro, que ele relata em *Balão cativo*, retoma, guardadas as devidas proporções, a (des)educação sentimental, pedagógica e moral do narrador em *O Ateneu*.

Proust revela-se no texto de Nava não apenas na exploração artística da memória involuntária – aquela que permite fazer ressurgir, intacta, uma realidade que parecia sepultada no passado, acionada no presente por um detonador

analgógico ou metafórico, mediado por ao menos um dos cinco sentidos; para além do parentesco de certos elementos, por exemplo a figura da mãe e da avó de ambos os narradores, ou a sintaxe ampla, as confluências se estabelecem desde a complexa estrutura narrativa. Assim como o pequeno Marcel, a partir do reino familiar de Combray, divisava o lado burguês de Méséglise e o lado aristocrático de Guermantes, em Juiz de Fora o narrador mineiro vive a primeira infância, cuja perspectiva mágica também divide a cidade em dois lados, delimitados pela rua Halfeld – a margem direita, com “toda uma estrutura bem pensante e cafarmenta”, contrastando irredutivelmente com a margem esquerda, “começo de uma cidade mais alegre, mais livre, mais despreocupada e mais revolucionária” (*Baú de ossos*). Em toda a obra de Nava persistem as oposições de itinerários, mineiros ou cariocas. O tempo é o eixo central, projetando inúmeras anacronias narrativas. Da mesma forma que no texto proustiano, diversas etapas se sobrepõem umas às outras, qual palimpsesto, oferecendo fisionomias várias e sucessivas, refletindo por vezes uma visão dilacerada, como neste implacável auto-retrato em *Galo das trevas*:

O vidro me manda a cara espessa dum velho onde já não descubro o longo pescoço do adolescente e do moço que fui, nem seus cabelos tão densos que pareciam dois fios nascidos de cada bulbo. (...) Olhos avermelhados, esclerótidas sujas. (...) Par de sulcos fundos saem dos lados das ventas arreganhadas e seguem com as bochechas caídas até o contorno da cara. (...) Dolorosamente encaro o velho que tomou conta de mim e vejo que ele foi configurado à custa de uma espécie de desbarrancamento, avalanche, desmonte – queda dos traços e das partes moles deslizando sobre o esqueleto permanente (...).

Ficcionalizando a vida real, o narrador vai desfiando, em seis volumosos livros, a gesta de uma família imensa, cheia de excêntricos e generosos, personalidades fortes e tipos estranhos, desde os próprios nomes. Junto com a história familiar, ele nos oferece um painel psicológico da sociedade mineira – ainda, convém insistir, à maneira do minucioso afresco da alta sociedade parisiense construído por Proust em seis grandes unidades – sem contar os aspectos documentais, como, por exemplo, as reparações

históricas quanto à origem e a constituição da Padaria Espiritual (1892-1898), em *Baú de ossos*.

A propósito deste título, retomemos o escritor francês que, em 1896, num dos textos de *Les plaisirs et les jours* mencionava uma certa arca:

Quando eu era criança, nenhum outro personagem da história sagrada me parecia ter tido destino mais miserável do que Noé, por causa do dilúvio, que o obrigara a ficar encerrado na arca durante quarenta dias. Mais tarde, com frequência eu ficava doente e, durante longos dias, tive eu também de permanecer numa “arca”. Compreendi então que em nenhum outro lugar Noé pôde ver melhor o mundo do que a partir daquela arca, embora fosse toda fechada e ainda que na terra fizesse noite.

Com efeito, provavelmente em 1910, Marcel Proust recolhe-se na solidão de sua arca de Noé, de onde ele percebe o mundo e de onde sairá seu monumental romance. Quanto a Pedro Nava, é das vigias do seu balão cativo que ele observa o espaço e o tempo que o envolvem. Graças também a momentos privilegiados de sua escritura, ruas e praças, cidades e bairros, casas e jardins, pessoas e acontecimentos, tudo que toma forma e solidez sai, de repente, de um baú de ossos, proustianamente, como da célebre xícara de chá...

Apesar da riqueza literária apenas vislumbrada nesta breve introdução à obra de Pedro Nava, a crítica especializada ainda não lhe consagrou investigação de maior estofamento. No sentido de preencher essa lacuna, *Fragmentum* oferece espaço para o texto de outro Pedro, cuja empatia com o primeiro parece estabelecer-se de imediato, propiciada, talvez, pela força mágica do nome compartilhado.

Apoiado em segura fundamentação teórica que fornecem, entre outras, as obras de Philippe Lejeune, Eliane Zaguri, Ecléa Bosi e Gaston Bachelard sobre registros autobiográficos, memória e duração, Pedro Brum Santos, doutor em Letras e professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, apresenta aqui páginas de grande sensibilidade e clareza na abordagem do romance que inaugura a ficção memorialística do escritor mineiro. Esse estudo

preliminar já anuncia a dimensão de sua pesquisa, que promete impor-se como referência obrigatória para a constituição da fortuna crítica de Pedro Nava.

Zília Mara Pastorello Scarpari